

SEXUALIDADE E GÊNERO: QUAIS AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES E ESTUDANTES DE UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO SOBRE A TEMÁTICA APRESENTADA?

SEXUALITY AND GENDER: WHAT ARE THE CONCEPTIONS OF TEACHERS AND STUDENTS AT A HIGH SCHOOL ON THE SUBJECT PRESENTED?

Ivo Marins¹

Marcus Vinícius Pereira²


Giselle Rôças³

RESUMO: O presente estudo objetiva promover uma reflexão sobre a importância da abordagem da temática sexualidade e gênero na escola para o reconhecimento, promoção e proteção da cidadania de estudantes LGBTI+. Pautados em uma metodologia qualitativa de investigação, mapeou-se o que pensam professores e estudantes do ensino médio de uma escola da rede pública estadual no município de Saquarema sobre a relevância da temática. Foram realizadas dez entrevistas individuais com professores, e um questionário com questões fechadas e abertas, respondido por dez estudantes. Para a análise e interpretação das informações construídas na pesquisa de campo, utilizou-se a técnica da Análise de Livre Interpretação (ALI). Os resultados apontam para a predominância de um currículo e práticas que silenciam as discussões relacionadas à diversidade sexual e de gênero, com prejuízos ao reconhecimento e respeito ao ser humano em suas infinitas formas de ser e existir. Sendo assim, nessa escola onde a pesquisa foi realizada não se discute ações de enfrentamento e combate ao preconceito e discriminação contra a população LGBTI+. Nesse contexto, o presente artigo buscou contribuir para a reflexão e discussão da temática diversidade sexual e de gênero na escola, entendendo a sua importância na promoção dos direitos humanos, visando formar uma sociedade livre de ódio, violência e discriminação contra a população LGBTI+.


PALAVRAS-CHAVE: Ensino Médio. Sexualidade. Gênero.

ABSTRACT: The present study aims to promote reflection on the importance of addressing sexuality and gender at school for the recognition, promotion and protection of citizenship of LGBTI+ students. Based on a qualitative research methodology, we mapped what teachers and high school students from a state public school in the municipality of Saquarema think about the relevance of the topic. Ten individual interviews were carried out with teachers, and a questionnaire with closed and open questions, answered by ten students. To analyze and interpret the information constructed in the field research, the Free Interpretation Analysis (ALI) technique was used. The results point to the predominance of a curriculum and practices that silence discussions related to sexual and gender diversity, damaging the recognition and respect for human beings in their infinite ways of being and existing. Therefore, in this school where the research was carried out, actions to confront and combat prejudice and discrimination against the LGBTI+ population are not discussed. In this context, this article sought to contribute to the reflection and discussion of sexual and gender diversity at school, understanding its importance in promoting human rights, aiming to form a society free from hate, violence and discrimination against the LGBTI+ population.


¹ Instituto Federal do Rio de Janeiro. E-mail: professorivomarins@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9741-6528>

² Instituto Federal do Rio de Janeiro. E-mail: marcus.pereira@ifrj.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8203-7805>

³ Instituto Federal do Rio de Janeiro. E-mail: giselle.rocas@ifrj.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1669-7725>

● [Informações completas no final do texto](#)

KEYWORDS: High school. Sexuality. Gender.

Introdução

De acordo com o Manual de Comunicação LGBTI+ (2018) e a Cartilha Diversidade Sexual e a Cidadania LGBTI+ (2020), a sigla LGBTI+ é internacionalmente utilizada para se referir aos cidadãos e cidadãs lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres transexuais, homens transexuais, intersexuais e o + significa todas as outras orientações sexuais e identidades de gênero.

Para Reis *et al* (2018), a identidade de gênero é conceituada como a maneira que as pessoas se percebem de forma íntima e individual, independentemente do sexo biológico, compreendendo também o seu reconhecimento e a forma como deseja ser reconhecida socialmente. A expressão de gênero é o jeito como os indivíduos se apresentam publicamente, independentemente da sua orientação sexual e identidade de gênero, por meio da linguagem corporal, nomes, vestimentas, comportamentos e formas de comunicação. Enquanto orientação sexual refere-se à atração emocional, afetiva e/ou sexual por pessoas de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero.

Toda a diversidade sexual e de gênero aqui conceituada, está presente na escola: um ambiente composto pela diversidade humana. Uma instituição de grande importância na sociedade que exerce um papel fundamental no acesso à cidadania de todos os estudantes. Dessa forma, também apresenta responsabilidades no que diz respeito ao combate às diversas formas de violências, preconceitos e discriminações ainda presentes na referida instituição.

Na tabela 1, observamos as principais formas de agressões cometidas no ambiente escolar contra pessoas LGBTI+. A tabela, elaborada a partir dos dados presentes no relatório apresentado pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), indica que o Brasil apresentou o maior índice de violência no ambiente escolar quando comparado a outros cinco países da América Latina.

Tabela 1. Índices de violência contra estudantes LGBTI+.

Motivo da violência	Tipo de violência	Índice observado
Orientação sexual	Agressão verbal	73%
Identidade/expressão de gênero	Agressão verbal	68%
Orientação sexual	Agressão física	27%
Identidade/expressão de gênero	Agressão física	25%
Ser LGBTI+	Assédio sexual	56%

Fonte: ABGLT, 2016

O relatório mencionado diz respeito a uma pesquisa nacional virtual realizada entre 2015 e 2016 que mapeou situações de violência ocorridas nas instituições educacionais contra estudantes LGBTI+. A amostra final foi composta por um total de 1.016 estudantes com idade entre 13 e 21 anos. A maioria dos/das estudantes lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais estava no ensino médio durante o desenvolvimento da pesquisa. Em relação aos tipos de violência sofridas, destacam-se de acordo com a pesquisa: xingamentos, ameaças, pertences danificados ou roubados, exclusão do convívio em grupos, puxões, empurrões, ameaças por telefone ou mídias sociais, entre outros.

A realidade supracitada sobre os índices de violência contra estudantes LGBTI+ revela a importância que a escola exerce na promoção e problematização de conteúdos e questões que atravessam o ambiente escolar e a sociedade, de modo a impedir quaisquer comportamentos de violência motivados por discriminações e preconceitos.

Portanto, a abordagem e reflexão crítica sobre sexualidade e gênero é de fundamental importância para a formação da cidadania e para a defesa dos direitos humanos. A presença e o reconhecimento de estudantes LGBTI+ nos ambientes escolares constituem a possibilidade para a instituição legitimar uma proposta pedagógica pautada na diversidade e inclusão para o desenvolvimento dos estudantes em suas diversas formas de existência.

De acordo com Seffner (2020) as questões relacionadas à temática sexualidade e gênero são elementos fundamentais da cultura escolar. O ambiente escolar é um laboratório de experimentações, negociações, debates e exercício da democracia. O autor afirma que a cultura escolar e a democracia se completam mutuamente, andam juntas no exercício e na produção de práticas democráticas.

No espaço escolar, sujeitos que fogem às normas sexuais e de gênero e que durante anos foram marginalizados, reivindicam cada vez mais os seus direitos enquanto cidadãos.

A exemplo disso, temos o uso do nome social que vem sendo reivindicado pelos estudantes e posto em prática pelas escolas em observância ao cumprimento do decreto nº 8.727 de 28 de abril de 2016 que regulamenta o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais.

Na compreensão de York *et al* (2022) é preciso pensar a escola, a formação de professores e políticas educacionais abraçando todas as diferenças e modos de vida presentes na sociedade para que todos os estudantes possam fazer parte do processo de ensino e aprendizagem. Pensar o curso de formação de professores considerando a subjetividade, o encontro com a pluralidade de vivências. Nada está pronto e acabado. A autora reitera que as salas de aula são espaços da diversidade, onde as diferentes formas de ser e viver se encontram. Sendo assim, “[...] é preciso, então, que nos preparemos para não provocarmos apagamentos, silenciamentos e outras violências que passamos a naturalizar na medida em que as inventamos e as praticamos.” (YORK, *et al.* 2022, p. 25).

Diante do que foi exposto, o presente artigo visa analisar como a temática sexualidade e gênero é percebida e tratada por professores e estudantes em uma escola estadual de ensino médio. Uma abordagem educativa e mediadora da escola pode influenciar a reflexão, mudanças comportamentais, atitudes de enfrentamento e redução da violência?

Assumimos como pressuposto não nos desirmos de nossa sexualidade e, por conseguinte, a discussão sobre a temática não ocorre de forma neutra entre os sujeitos que convivem nos espaços escolares.

Desta forma, identificarmos compreensões e abordarmos a temática sexualidade e gênero torna-se ato importante para a construção de ações educativas no combate e superação de preconceitos e práticas excludentes que habitam o ambiente escolar. Para alcançarmos o objetivo proposto no presente artigo, optamos por uma abordagem qualitativa, envolvendo professores e estudantes do ensino médio de uma escola pública.

Este artigo faz parte de um capítulo desenvolvido ao longo da pesquisa de mestrado em andamento, intitulada “Mediações e reflexões sobre direitos humanos e a população LGBTI+ a partir de uma oficina de audiovisual”. A presente pesquisa está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências (PROPEC), do Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ – Campus Nilópolis.

Metodologia

A pesquisa está alicerçada na abordagem qualitativa, que, segundo Bogdan e Biklen (1991) tem por objetivo construir significados acerca de situações e fenômenos sociais, em determinado contexto, visando à sua interpretação e compreensão. É uma investigação que abrange uma abordagem onde o mundo é interpretado em seus cenários naturais para que se compreenda os fenômenos e os elementos que os envolvem. Por meio da pesquisa qualitativa são coletados dados que posteriormente são analisados para que se compreenda a dinâmica do fenômeno pesquisado. O presente estudo está registrado no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob número 61827422.2.0000.5268.

Quanto aos procedimentos de coleta de dados, a pesquisa está organizada em duas etapas: entrevista com professores e questionário para estudantes. Ambas possibilitaram alcançar contribuições significativas à luz da literatura sobre sexualidade e gênero no ambiente escolar.

A entrevista semiestruturada objetivava verificar a compreensão desses profissionais relacionada ao ensino de sexualidade e gênero na escola. O roteiro continha quatro perguntas estruturadoras: 1) Qual seu entendimento sobre sexualidade e gênero? 2) Você considera importante a abordagem dos conteúdos sobre sexualidade e gênero nos currículos escolares do ensino médio? Por quê? 3) Você se sente preparado para abordar as questões de sexualidade e gênero em sua aula? Em caso negativo, quais dificuldades você considera serem mais impactantes que dificultam sua abordagem? 4) Já lidou alguma situação conflitante relacionada a sexualidade e gênero em sua aula? Em caso afirmativo, de que forma foi conduzida?

Dez professores participaram desta etapa e autorizaram a gravação, além de assinarem o Termo de Conhecimento e Livre Esclarecimento (TCLE). O grupo é formado por professores na faixa etária de 32 a 60 anos que lecionam no ensino médio numa escola estadual no município de Saquarema – RJ (quadro 1), onde a pesquisa foi realizada. As entrevistas aconteceram entre agosto e setembro de 2022, individuais, em momentos disponibilizados pelos professores nos intervalos das aulas e em horários vagos.

Quadro 1. Descrição do corpo docente que integrou a pesquisa.

Legenda: HCH = Homem cisgênero heterossexual; MCH= Mulher cisgênero heterossexual.

Código	Como se identificam	Idade	Tempo de formado	Tempo de atuação no magistério	Área de Formação
MAT1	HCH	40 anos	15 anos	15 anos	Matemática
MAT2	HCH	53 anos	28 anos	25 anos	Matemática
GEO1	MCH	36 anos	15 anos	14 anos	Geografia
GEO2	HCH	37 anos	15 anos	15 anos	Geografia
PORT1	MCH	44 anos	14 anos	13 anos	Língua Portuguesa
PORT2	MCH	47 anos	30 anos	24 anos	Língua Portuguesa
HIST1	HCH	52 anos	16 anos	10 anos	História
HIST2	MCH	32 anos	10 anos	10 anos	História
BIO1	MCH	60 anos	30 anos	24 anos	Biologia
ART1	MCH	45 anos	27 anos	24 anos	Arte

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

O questionário semiaberto foi a escolha para a coleta de dados junto aos 10 estudantes do ensino médio que aceitaram participar de uma oficina de audiovisual acerca da temática sexualidade e gênero (quadro 2). As perguntas contidas no questionário assemelham-se às perguntas feitas aos professores, com o propósito de mapear possíveis diferenças e/ou semelhanças acerca do conhecimento e entendimento entre os grupos analisados.

Quadro 2. Roteiro de perguntas para o questionário semiaberto sobre sexualidade e gênero aplicado aos estudantes.

1. Eu me identifico como:
() homem cis () mulher cis () homem trans () mulher trans () pessoa não-binária
() pessoa intersexo () outro gênero: _____
2. O que você entende por sexualidade?
3. O que você entende por gênero?
4. No seu percurso escolar até o presente ano de escolaridade, o tema sexualidade foi abordado em alguma aula? () sim () não
5. Sendo a resposta anterior afirmativa, assinale as alternativas de conteúdos sobre sexualidade que já foram abordados no seu percurso escolar:
() ISTs () prevenção de gravidez () aparelhos reprodutores () diversidade sexual e de gênero.
Outros: especificar: _____
6. Você considera importante a abordagem dos conteúdos sobre sexualidade e gênero nas escolas? Por quê?
7. Já surgiu alguma situação conflitante relacionada a sexualidade e gênero em sua escola?
Em caso afirmativo de que forma foi resolvida?

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Todos os estudantes assinaram o Termo de Conhecimento e Livre Esclarecimento (TCLE) em conjunto com seus responsáveis, quando menores de idade (quadro 3). Buscamos identificar o que já estudaram sobre a temática, em especial para além da abordagem biológica e de saúde.

Quadro 3. Descrição do corpo discente que integrou a pesquisa.

Legenda: HCH = Homem cisgênero heterossexual; MCH= Mulher cisgênero heterossexual; MTH= Mulher trans heterossexual; HTG= Homem trans gay; PNB= Pessoa não-binária

Código	Como se identificam	Idade	Série/escolaridade
MCH1	MCH	21 anos	1º ano Ensino Médio
MCH2	MCH	16 anos	2º ano Ensino Médio
MCH3	MCH	17 anos	3º ano Ensino Médio
MCH4	MCH	18 anos	3º ano Ensino Médio
HCH1	HCH	17 anos	3º ano Ensino Médio
HCH2	HCH	16 anos	2º ano Ensino Médio
HCH3	HCH	16 anos	1º ano Ensino Médio
MTH	MCH	21 anos	2º ano Ensino Médio
HTG	HCH	16 anos	1º ano Ensino Médio
PNB	PNB	19 anos	2º ano Ensino Médio

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Segundo Jesus (2012), denomina-se de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento. E as pessoas não-cisgênero, como os transgêneros ou “trans” são aquelas que não se identificam com o gênero que lhes foi designado. No que diz respeito às pessoas não-binárias, Brazão e Dias (2021) dizem que o conceito de gênero não-binário é caracterizado como a variação dos modos de vivenciar o gênero, para além da polarização homem/mulher.

A Análise de Livre Interpretação (ALI) foi a metodologia escolhida para acessar os dados colhidos, por ampliar a análise das falas registradas por meio das entrevistas e questionários, com o intuito de investigar o que sabem professores e estudantes sobre a temática pesquisada. Além disso, possibilitar reflexão sobre ações que favoreçam a construção de princípios de respeito à diversidade sexual e de gênero, visando ampliar direitos e superar o quadro de violências contra estudantes LGBTI+ motivados por preconceito e discriminação.

A Análise de Livre Interpretação (ALI) é uma metodologia de análise para pesquisas qualitativas, que se propõe a aliar as experiências dos professores-pesquisadores ao referencial teórico-metodológico ao qual passam a fazer parte (RÔÇAS *et al*, 2020). Ela se entranha na filigrana do discurso, na subjetividade da compreensão das características que muitas vezes estão nas entrelinhas do que foi escrito ou numa expressão de sentimentos

no momento da entrevista (ANJOS, 2021), sendo essencial que o pesquisador seja conhecedor da fundamentação teórica e da realidade que pesquisa, para que reconheça a pluralidade de interpretações que um diálogo, situação ou texto revelam.

Neste sentido, assumimos os seguintes procedimentos de análise dos dados: 1º passo – Leitura e desmontagem dos textos (áudios e escritas), examinando-os nos mínimos detalhes; 2º passo – Identificação de informações contidas nos textos que serão descritas, analisadas e comparadas; 3º passo – Reagrupamento destas informações em categoria que permitissem acessar os objetivos desta pesquisa; 4º passo – Estabelecimento de relações entre as informações contidas nos textos e os referenciais teóricos utilizados na pesquisa, buscando novas compreensões acerca dos saberes de professores e estudantes sobre sexualidade e gênero, tecendo aproximações de conceitos e ideias sobre a temática abordada.

Reflexões acerca dos saberes de professores e estudantes sobre sexualidade e gênero

Professores e estudantes são públicos distintos, de diferentes gerações que coabitam o ambiente escolar. Dessa forma, é importante mapear a visão de ambos os públicos para saber se há saberes divergentes relacionados à temática sexualidade e gênero na contemporaneidade.

Considerando os dados coletados com relação às orientações sexuais e identidades de gêneros dos entrevistados (quadros 1 e 3), é possível identificarmos que o grupo de professores é composto por mulheres e homens cisgênero heterossexuais. Não há nessa unidade escolar professor transgênero ou que se declara com outra orientação sexual a não ser a heterossexual que pudesse contribuir com a pesquisa. Diante desses dados, a compreensão inicial que temos é a predominância hegemônica da heterossexualidade como norma social e que possivelmente o currículo e a prática pedagógica estejam atrelados a uma visão de sociedade heteronormativa.

Quando analisamos o grupo de estudantes esse resultado é distinto com a identificação diversificada de orientações sexuais e identidades de gênero. Entre os dez estudantes que participaram da pesquisa, temos pessoas que se identificam como cisgênero, transgênero, pessoas não-binárias, entre outros gêneros e orientações sexuais.

Diante deste fato, surgem várias indagações: 1. Por que para os estudantes a autoidentificação sexual e de gênero acontece de forma mais simples e com múltiplas possibilidades de ser e existir? 2. Por que a cisgeneridade e a heterossexualidade ainda são predominantes na autoidentificação do professor? 3. Será que o professor assumiria para a pesquisa uma identidade ou orientação sexual fora dos padrões heteronormativos? 4. O que faz com que exista uma grande ruptura de conhecimentos relacionada à diversidade sexual e de gênero entre estudantes e professores? 5. Por que esta temática é tão próxima das vivências dos estudantes e ainda tão distantes dos conhecimentos dos professores?

Conteúdos sobre sexualidade, gênero e pautas da população LGBTI+ estão presentes nos discursos e vivências dos estudantes. Diferentemente dos professores que ainda apresentam pouca familiaridade com o assunto, mas que de acordo com a entrevista, entendem a necessidade de investimentos em cursos de formação continuada sobre a temática na escola. Dessa forma, entendemos que a presente discussão é relativamente nova no âmbito da escola, sendo mais utilizada pelos estudantes do que professores.

No entanto, nos perguntamos de onde vem esse conhecimento adquirido pelos estudantes que ainda não se encontra nos currículos escolares do ensino médio? Informações sobre diversidade sexual e de gênero e pautas da população LGBTI+ são veiculadas nas mídias sociais. De acordo com Costa (2020) A internet, além de ser um espaço de interação social através das suas plataformas de comunicação, tornou-se um espaço de grande importância para a visibilidade e luta política da população LGBTI+. Os grupos considerados minorias sociais foram ganhando notabilidade nas plataformas virtuais, assim como em outras mídias, como televisão, jornal e revista que também se configuram como importantes instrumentos de disseminação de conteúdos e de informações para a divulgação e legitimação das pautas LGBTI+.

A seguir, apresentaremos a visão de professores e estudantes sobre sexualidade e gênero. Para um melhor mapeamento sobre os conceitos apresentados, segue abaixo o quadro 4.

Quadro 4. Mapeamento entre os conceitos sobre sexualidade e gênero de acordo com professores e estudantes.

	Sexualidade	Exemplo de reforço da categoria	Gênero	Exemplo de reforço da categoria
Professores	Escolhas afetivas e prazer	<p><i>“Sexualidade é aquilo que você decide ter para si, para a sua vida, seu bem-estar, como você se sente bem”. MAT1</i></p> <p><i>“Na minha concepção, sexualidade é o que a pessoa escolhe para a vida dela, com base no que ela acredita ser certo para ela”. GEO2.</i></p>	Características que nascem com as pessoas (aspectos biológicos).	<p><i>“Gênero é o que nós nascemos. Temos dois tipos de gênero: ou você é homem ou você é mulher”. MAT1</i></p> <p><i>“Gênero está ligado a classificação macho e fêmea”. GEO2</i></p>
Estudantes	Desejos, relacionamentos e sentimentos.	<p><i>“sexualidade é um modo de se identificar consigo mesmo e se respeitar”. HCG2, 16 anos.</i></p> <p><i>“Não é algo que possamos escolher, a não ser sentir” HTG, 16 anos.</i></p>	Escolhas, identidades. Como as pessoas se identificam.	<p><i>“É como a gente se identifica, independentemente do jeito que a gente nasce”. MTH, 21 anos</i></p> <p><i>“É como podemos e nos confortamos em nos identificar” HTG, 16 anos.</i></p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Os conceitos sobre sexualidade trazidos pelos professores se assemelham ao pensamento dos estudantes que também relacionam sexualidade com afetividade, desejos e sentimentos. Conceitos que para Louro (2009) são produzidos nas diferentes culturas, onde se aprende inúmeras possibilidades de experimentar prazeres e desejos. A autora afirma a importância de assumirmos que nenhuma forma de sexualidade é natural ou espontânea, são produzidas, ensinadas e construídas diariamente, através de muitas práticas escolares, familiares e culturais.

No entanto, quando conceituam gênero, professores e estudantes divergem totalmente. Para oito professores entrevistados, gênero está relacionado ao determinismo biológico, a visão binária e heteronormativa, o que está em desacordo com os estudos feitos por Bento (2015), onde a autora ressalta que o fator biológico é o primeiro fator que classifica os seres humanos, mas o gênero será transformado de acordo com as questões culturais e nas interações sociais do indivíduo.

Em contrapartida ao pensamento dos professores, os estudantes acreditam na pluralidade e atribuem ao gênero a forma como as pessoas se identificam, independente do sexo biológico. As pessoas não nascem com comportamentos prontos, serão ensinadas de acordo com a elaboração cultural de cada sociedade no que diz respeito aos padrões de comportamentos que acreditam e que definem para os gêneros (BENTO, 2015). Para complementarmos de forma bem elucidativa, Louro (2011) enfatiza que gênero e sexualidade são construídos socialmente e culturalmente. “Todas as formas de viver a sexualidade e os gêneros são culturais, históricas e contingentes” (LOURO, 2011, p.69).

Dando continuidade ao processo de análise dos dados, de dez professores entrevistados, nove consideram importante a abordagem dos conteúdos sobre sexualidade e gênero nos currículos escolares do ensino médio.

[...] eu acho que é importante que o aluno do ensino médio que já está saindo para o mercado de trabalho, já está assumindo as responsabilidades enquanto cidadão conheça, porque aonde tem conhecimento, aonde tem educação, não tem espaço para violência (ART1).

A professora de Biologia reforça a importância dos conteúdos para o entendimento e aprendizagem de todos, como relatado abaixo, na transcrição da sua fala:

Considero fundamental, poderia nem ser dentro do currículo, mas seria necessário sempre se abordar esses temas, porque as pessoas entendem que sexualidade é sexo somente, para quando você propõe trabalhar sexualidade em sala de aula o aluno acha que você só vai falar sobre sexo e sexualidade como foi dito antes aborda o seu comportamento, a maneira de você agir, a maneira de você falar, a maneira de você pensar, a maneira de se relacionar consigo mesma e com o outro, então eu acho de fundamental importância desde lá do nível fundamental ou até lá do jardimzinho que se vá discutindo esses temas para que as crianças conheçam o seu corpo, entendam o que está acontecendo na mudança da puberdade em todas as suas fases de desenvolvimento (BIO1).

É importante destacarmos que a professora de Biologia (relato acima) é especialista em sexualidade e trabalhou durante anos com essa pauta. Talvez por isso os seus relatos sejam tão coerentes com a discussão da temática na contemporaneidade..

Apenas um professor entrevistado disse não ser importante a abordagem do assunto nos currículos escolares do ensino médio.

Bom, importante, eu não considero como importante, mas eu acho que deve sim ser debatido, porém com uma orientação imparcial sobre o assunto, pois o professor que pode estar conduzindo esse tema ele pode puxar pra algum tipo de análise dele, do que ele quer que o aluno fale, ele pode acabar induzindo o aluno a isso (MAT1).

A fala do professor que foi transcrita acima, nos deixa alguns questionamentos: por que não é importante a abordagem sobre sexualidade e gênero? O que seria uma orientação imparcial na abordagem do assunto? O professor pode induzir o aluno a quê? Diante do discurso do professor, podemos perceber total desconhecimento e desconforto sobre a abordagem da temática, além da visão conservadora de educação e sociedade pautadas nos padrões da heteronormatividade.

Na concepção dos estudantes, todos consideram importante a abordagem dos conteúdos sobre sexualidade e gênero no ensino médio. Segue abaixo, alguns dos relatos:

“Sim, porque o preconceito é muito presente e para evitar tal coisa é bom abordar os assuntos pelo menos algumas vezes no mês” (HTH, 16 anos). “Sim, porque é importante que nós possamos aprender sobre nós mesmos” (PNB, 19 anos). “Sim, é importante que todos se sintam acolhidos” (MCH3, 17 anos).

Na visão de Lopes e Almeida (2020) trabalhar com as questões de sexualidade e gênero na educação é revestir estudantes de conhecimentos para o enfrentamento das várias formas de violência, pautadas no conservadorismo e nos seus modos de marginalizar as identidades que desviam dos padrões hegemônicos. Utilizarmos de uma pedagogia pautada na cultura, levando em consideração e problematizando as informações veiculadas nas mídias sociais para refletirmos sobre as identidades sexuais e de gênero e as desigualdades que brotam dessas relações.

Para a maior parte dos professores entrevistados, trabalhar com a temática ainda é um desafio, não se sentem preparados e enfatizam a falta de investimento do Estado para o aprimoramento e qualificação dos profissionais em relação aos estudos de sexualidade e gênero, como nos mostra os dois relatos abaixo:

O Estado não trata isso com a devida responsabilidade e seriedade como se o indivíduo em questão não existisse, tentando anular essa realidade diante de todos os espaços que apresentam, que mostram que existem uma gama de pessoas na sociedade que querem discutir isso e precisam compreender. O nosso currículo educacional está engessado por uma ideia patriarcal, um suposto conservadorismo que não justifica esse procedimento e a falta de políticas para discutir uma educação mais ampla e inclusiva na sociedade. Não podemos deixar de atentar que educação tem que ser feita para pessoas e não para um projeto político (HIST1,).

[...] eu não me sinto uma pessoa preparada hoje para abordar o assunto para esclarecer os alunos, eu precisaria de uma formação para isso, que a minha empresa, o Estado, oferecesse cursos para que os professores tivessem mais esclarecimentos para poder abordar de uma maneira livre, de uma maneira correta, com a nomenclatura correta junto aos alunos (ART1).

Professores e estudantes participantes da pesquisa relatam situações envolvendo estudantes LGBTI+ que são humilhados, sofrem bullying, são vítimas de piadas, deboches entre outros. No entanto, as questões que mais chamaram a atenção nesses relatos estão relacionadas ao nome social e à utilização dos banheiros.

Uma aluna durante a chamada de aula, ela pediu que não a chamasse pelo nome de batismo, só que quando eu a chamei, ela pediu que eu não a chamasse, de uma forma muito baixinha. É como se o nome dela, o nome de batismo a incomodasse, daí eu pedi que ela viesse até a minha mesa e perguntei né, o que estava acontecendo. Daí ela me explicou que ela não queria ser chamada por aquele nome, aí eu perguntei qual nome ela gostaria de ser chamada, assim, eu agi com naturalidade. Na próxima chamada eu falei o nome que ela tinha me pedido que fosse chamar e demonstrei respeito pela sua escolha pra que naquele contexto a minha tolerância ou a tolerância né, fosse vivenciada por ela (PORT1).

A questão da utilização do banheiro por pessoas transexuais e travestis ainda é motivo de debate e discussão, pois existe uma grande resistência no ambiente escolar em aceitar que outros gêneros que não sejam homens e mulheres cis adentrem esse espaço. Seguem dois relatos a respeito dessa questão: “Não permitiram uma aluna trans a usar o banheiro feminino e o problema não foi resolvido. Agora ela usa um banheiro isolado das outras meninas” (MCH4, 18 anos). “Uso o banheiro dos professores, a diretora acha que é mais seguro para mim” (MTH, 21 anos).

A impossibilidade de utilizar um banheiro de acordo com o gênero no qual se identificam revela que transexuais e travestis ainda são vistas como corpos estranhos no ambiente escolar, não são respeitadas no reconhecimento das suas identidades.

Essa forma desrespeitosa que ainda hoje são vistas e julgadas travestis e transexuais foi construída durante anos através de diferentes práticas discursivas numa relação de poder, como explica Bento (2006) em sua análise nas relações sociais sobre as caracterizações e intervenções que foram decisivas na construção da transexualidade enquanto um transtorno de identidade. A autora afirma que um conjunto de práticas discursivas biomédicas que conferiram à transexualidade a condição de patologia, de forma a querer comprovar que os corpos de travestis e transexuais se encontram fora da normalidade e combinação existente entre sexo, gênero e sexualidade.

Através da resolução CFP nº01/2018, a Organização Mundial de Saúde (OMS) define transexualidade como uma identidade de gênero. A OMS retira a transexualidade da lista de doenças ou distúrbios mentais, permanecendo a categoria de saúde sexual.

Muitas situações relacionadas a sexualidade e gênero são vivenciadas no cotidiano escolar, porém, ficou evidente nas entrevistas que os professores não possuem um planejamento prévio para introduzir e abordar a temática com o propósito de evitar futuros conflitos. Todos os dez professores entrevistados citam o diálogo e a orientação sendo os melhores caminhos para conduzir os conflitos. No entanto, agem somente quando o assunto de alguma forma vem à tona, exterioriza-se. Não há nessa unidade escolar uma proposta pedagógica para a abordagem e reflexão sobre sexualidade e gênero.

Para a maior parte dos professores entrevistados ficou evidente o pouco conhecimento sobre a presente temática. Este fato pode estar relacionado ao tempo de formação dos professores que são formados há mais de 10 anos e fazem parte de um curso de licenciatura que não contemplava em sua proposta curricular as questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero e direitos humanos da população LGBTI+.

Atualmente, conforme afirma Rizza *et al* (2018), as temáticas sociais já fazem parte da construção da agenda acadêmica de diferentes cursos de graduação e de formação de professores. As universidades federais brasileiras têm oferecido disciplinas em diferentes cursos que abordam as questões dos segmentos sociais considerados minoritários, visando à promoção da cidadania, dos direitos humanos e do combate à violência e discriminação contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, mulheres, negros/as, índios/as, entre outros.

Os profissionais da educação precisam se apropriar dessas temáticas tão presentes na contemporaneidade e que transbordam nos espaços escolares. Que a apropriação desses conhecimentos, possam vir pela formação universitária, por cursos de formação continuada realizados pelas secretarias de educação e pelas unidades escolares. Outro ambiente para nos apropriarmos dessas temáticas são as redes sociais virtuais que hoje representam um importante meio de comunicação, informação e organização social de vários grupos e suas lutas políticas.

Considerações finais

Não é de hoje que sexualidade e gênero são temas debatidos pela sociedade e pela escola. Segundo Louro (2014, p.20), a escola exerce uma “pedagogia da sexualidade”, onde os corpos são adestrados e a heterossexualidade é validada como a única forma permitida e normal de viver a sexualidade. Desta forma, outras identidades e práticas

sexuais são reprimidas e silenciadas, fazendo com que esta instituição de ensino se torne um dos espaços mais difíceis para que qualquer indivíduo expresse livremente a sua condição sexual que foge às regras do que é considerado normal.

A mesma autora relata que regras e normas definidas se tornavam um referencial para a construção do homem e da mulher (heterossexuais) civilizados. Sendo assim, a construção da identidade era estabelecida por meio de valores e regras de conduta aceitas socialmente e que se constituíam no padrão normal de ser de cada indivíduo.

A discussão sobre a temática sexualidade e gênero na escola, mesmo sendo considerada de grande relevância por estudantes e professores que fizeram parte da pesquisa, ainda se encontra distante dos planejamentos, projetos pedagógicos e das salas de aula do ensino médio.

Consideramos essencial um maior investimento, sobretudo em iniciativas que promovam a formação continuada de profissionais da educação sobre sexualidade e gênero, pois constatamos que este é um ponto frágil apontado pelos professores entrevistados e que pode contribuir no preparo dos profissionais para a abordagem da temática no âmbito escolar.

Desta forma, fica evidente pelas entrevistas que os professores precisam de estudos relacionados ao tema para que entendam as dimensões histórica, social e cultural de sexualidade e gênero, ensinando a temática para além da visão biológica e médica.

É preciso que as secretarias de educação atuem na área de diversidade e inclusão e ofereçam cursos, simpósios e palestras para os professores, evidenciando a importância da abordagem sobre sexualidade e gênero nas escolas para o reconhecimento da questão LGBTI+ como uma temática dos direitos humanos.

É fundamental que cada instituição escolar debata com a sua comunidade (professores, funcionários, gestores, estudantes, família) os temas de sexualidade e gênero, incluídos em projetos, oficinas, rodas de conversa, leituras, entre outros e que principalmente possa constar na proposta pedagógica curricular. O diálogo e a escuta, já apontados pelos professores auxilia na prevenção de situações de violência que envolvem as questões de sexualidade e gênero.

No que diz respeito aos estudantes, ainda vivemos com um quadro de violência muito grande, motivado pela discriminação e ódio contra a população LGBTI+. Dentre vários tipos de violência citados na pesquisa, o uso do banheiro pelas pessoas que fogem

da combinação sexo-gênero continua sendo um desafio. A utilização dos banheiros pelas pessoas transexuais incomoda, provoca e desobedece a lógica binária de sexo e gênero, pensada numa sociedade formatada para a heteronormatividade. Todas essas questões reforçam a importância do aprofundamento das discussões de sexualidade e gênero no ambiente escolar.

Desta forma, acreditamos que uma abordagem educativa e mediadora pode ser o caminho para mudanças de atitudes e redução de atos violentos. Tais resultados sustentam a necessidade de um trabalho educacional de escuta, acolhimento e ações para o fomento da cidadania dos estudantes LGBTI+. Surge então a ideia da oficina de audiovisual sobre sexualidade e gênero. Assunto que discutiremos no próximo artigo.

Referências

ANJOS, M. B. Educação profissional e tecnológica: a prática pedagógica como veículo da liberdade. **Revista Humanidades e Inovação** v.8, n.53, 2021. Disponível em: [5957-texto do artigo-20479-2-10-20211116 \(1\).pdf](#). Acesso em: 25 set. 2023.

ARAÚJO, D. B. Outras falas sobre gênero e sexualidade na escola. **Periódicus**, número 2, nov.2014 - abril 2015. Disponível em: [vista do outras falas sobre gênero e sexualidade na escola \(ufba.br\)](#). Acesso em: 19 nov. 2023.

BENTO, B. A. de M. **A (re)invenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, B. A. de M. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 548-559, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>. Acesso em: 19 nov. 2023.

BOGDAN, R. BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRAZÃO, J. P. G; DIAS, A. F. **O que dizem os estudantes sobre gênero não-binário**: um estudo comparativo na Universidade Federal de Sergipe e na Universidade da Madeira. Revista on line de Política e Gestão Educacional, vol. 25, núm. 3, 2021. Disponível em: [637769831048.pdf \(redalyc.org\)](#). Acesso em: 19 nov. 2023.

COSTA, M. S. **Gênero e identidade(s) na contemporaneidade**: os desafios do não-binário. 2020. 132 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Goiânia, 2020. Disponível em: [dissertação - márcia sardinha da costa - 2020.pdf](#). Acesso em: 26 set. 2023.



ENGEL, G. I. **Pesquisa-ação**. Educar, Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000. Editora da UFPR. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.214>. Acesso em: 19 nov. 2023.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012. Disponível em: [orientacoes_sobre_identidade_de_genero_conceitos_e_termos-libre.pdf \(d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net\)](#). Acesso em: 19 nov. 2023.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e homofobia. *In*: JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2009, p. 85-93. Disponível em: [resenha_louro_quacira_lopes_heteronormat.pdf](#). Acesso em: 26 set. 2023.

LOURO, G.L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Revista brasileira de pesquisa sobre formação docente**. Belo Horizonte, v. 03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011. Disponível em: [educação_docência_loiuro.pdf](#). Acesso em: 26 set. 2023.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16.ed. Petrópolis - Vozes. 2014.

LOURO, G. L. **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais**. Curitiba: ABGLT, 2016. Disponível em: [Pesquisa Nacional sobre o ambiente educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais | Observatório de Educação \(institutounibanco.org.br\)](#). Acesso em: 19 nov. de 2023.

REIS, T. (org). **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. Disponível em: [01. Manual de comincação LGBT + Autor Grupo Dignidade.pdf \(ufmg.br\)](#). Acesso em: nov. de 2023.

RIZZA, J. L; RIBEIRO, P. R. C; MOTA, M. R. A. **A sexualidade nos cursos de licenciatura e a interface com políticas de formação de professores/as**. Educação Pesquisa, São Paulo, v. 44, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844176870>. Acesso em: 19 nov. 2023.

RÔÇAS, G. *et al.* "O Sorriso de Mona Lisa". A análise de livre interpretação como perspectiva metodológica em pesquisas. *In*: Rôças, G. (org.). **Ensaio sobre a cegueira: reflexões acerca de processos formativos na área de ensino e o lugar da escola**. Porto Alegre: Fi, 2020. Cap. 9, p. 202 – 2018.



SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Justiça e Cidadania. Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual. **Diversidade sexual e cidadania LGBTI+**. 4ª ed. São Paulo: SJC/SP, 2020. 56 p.

SEFFNER, F. Sempre atrás de um buraco tem um olho: racionalidade neoliberal, autoritarismo fundamentalista, gênero e sexualidade na Educação Básica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-19, 2020. Disponível em: [1809-4309-praxeduc-15-e2015010.pdf \(fcc.org.br\)](https://www.fcc.org.br/1809-4309-praxeduc-15-e2015010.pdf). Acesso em: 19 nov. 2023.

TAKARA, S. ACCORSI, F. A. Coreografias de resistência: gênero na educação. **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana-SE, Universidade Federal de Sergipe, v. 32, nº 1, p. 81-96, jul-dez de 2020. Disponível em: [cmsg,+Fórum-v.32-081.Takara.Accorsi.pdf](https://www.forum.ufse.br/cmsg,+Fórum-v.32-081.Takara.Accorsi.pdf). Acesso em: 19 nov. 2023.


YORK, S. W. *et al.* **Gênero e sexualidade na educação**. Uma perspectiva interseccional. 1ed. Salvador, BA. Devires, 2022.

NOTAS

IDENTIFICAÇÃO DE AUTORIA

Ivo Marins. Professor Especialista. Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), Nilópolis, RJ, Brasil.

E-mail: professorivomarins@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9741-6528>


Marcus Vinícius Pereira. Doutor em Educação em Ciências e Saúde pela UFRJ, com pós-doutorado na FE-USP, Docente do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), Nilópolis, RJ, Brasil.

E-mail: marcus.pereira@ifrj.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8203-7805>

Giselle Rôças. Doutora em Ecologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Docente do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), Nilópolis, RJ, Brasil.

E-mail: giselle.rocas@ifrj.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1669-7725>

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Grupo de Pesquisa Ciência, Arte, Formação e Ensino (CAFE – IFRJ) pelos debates, provocações, leituras e reflexões.

FINANCIAMENTO

As pesquisas realizadas pelos membros do CAFE são financiadas pela FAPERJ, CNPq (fomento e bolsa de produtividade nível 2) e IFRJ.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

A pesquisa foi aprovada pelo CEP em 25/07/2023. Está registrada no CEP sob número 61827422.2.0000.5268.

LICENÇA DE USO

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista ENSIN@ UFMS – ISSN 2525-7056 o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution



(CC BY-NC-SA 4.0), que permite compartilhar e adaptar o trabalho, para fins não comerciais, reconhecendo a autoria do texto e publicação inicial neste periódico, desde que adotem a mesma licença, compartilhar igual.

EDITORES

Patricia Helena Mirandola Garcia, Eugenia Brunilda Opazo Uribe, Gerson dos Santos Farias.

HISTÓRICO

Recebido em: 03/08/2023 - Aprovado em: 18/11/2023 – Publicado em: 31/12/2023.

COMO CITAR

MARINS, I.; PEREIRA, M. V.; RÔÇAS, G. Sexualidade e Gênero: Quais as Concepções de Professores e Estudantes de uma Escola de Ensino Médio sobre a temática apresentada? **Revista ENSIN@ UFMS**, Três Lagoas, v. 4, n. 8, p. 562-580. 2023.